

## SIMPÓSIO AT114

### OS DESÍGNIOS DO CARNAVAL EM “O DIABO NA NOITE DE NATAL

COSTA, Amanda Lucy dos Santos  
Universidade de Brasília - UnB  
amanda\_lucy@hotmail.com

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é analisar o conto *O diabo na noite de Natal*, de Osman Lins, à luz da teoria bakhtiniana da carnavalização literária. Nesta narrativa, concebida originalmente como peça teatral intitulada *Capa-verde e o Natal* (1967), a interação de personagens referenciais e caricatas - de diversas esferas culturais, desde o folclore à literatura sacra - realçada pela plasticidade carnavalesca, expõe os vestígios de uma experiência literária e determinado posicionamento crítico-social do autor. A cosmovisão carnavalesca permite significar a intertextualidade presente na trama em prol da desconstrução do cânone da “cultura oficial”, agregando ao sentido de “cultura” não apenas aquilo que é considerado erudito, mas também o que está relacionado essencialmente ao popular. A resignificação do intertexto imbuída de uma linguagem de protesto contra máscaras autoritárias do discurso oficial colocam a carnavalização em função da reconstrução de uma identidade, ou melhor, da liberdade de recriar valores de forma democrático-socializante e pluralista. Por meio da carnavalização, Osman Lins promove tanto o estreitamento na relação entre a literatura para a infância e a noção de pluralidade cultural quanto à possibilidade de ampliação da capacidade de interpretação da criança enquanto leitora – de livros e do mundo.

**Palavras-chave:** Carnavalização literária; Osman Lins; Literatura infantojuvenil

**Abstract:** The aim of this work is to analyze the tale *O diabo na noite de Natal*, by Osman Lins, from the viewpoint of Bakhtinian theory of Literary Carnivalization. In this narrative, originally conceived as a play, named *Capa-Verde e o Natal* (1967), the different characters interaction exposes the traces of a literary experience and a certain critical-social positioning of the author. The carnivalesque worldview allows to signify the intertextuality in the plot in favor of the deconstruction of the canon of "official culture", adding to the meaning of "culture" not only what is considered erudite, but also what is essentially related to the Popular. The resignification of the intertext is full of a protest language against the authoritarian masks of the official discourse and puts the carnivalization in function of the reconstruction of an identity. And better than that, it puts carnivalization in function of the freedom to recreate values in a Democratic-socializing and pluralistic way. Using Carnivalization, Osman Lins promotes both the narrowing in the relationship between the literature for childhood and the notion of cultural plurality as the possibility of expanding the child's ability to interpret as a reader of books and of the world.

**Keywords:** Osman Lins; Children's Literature; Literary Carnivalization.

## Introdução

Usando como ponto de partida o título do nosso eixo temático, “O desígnio, o desenho, a trama: dos sentidos no texto osmaniano”, intitulo este artigo “Os desígnios do carnaval”, uma vez que ele resulta da minha pesquisa de mestrado pela UnB<sup>1</sup>, na qual eu mantive o foco na obra *O Diabo na noite de Natal*, de Osman Lins, à luz da teoria bakhtiniana da carnavalização literária. Nessa pesquisa, além de tratar de questões referentes à literatura Infantil, como a polêmica da própria designação “infantil” e observações sobre a ilustração como forma de linguagem, eu me debruço sobre os desígnios do carnaval enquanto manifestação da cultura popular na literatura, em específico a dedicada às crianças por Osman Lins.

Começo por esclarecer que essa cosmovisão carnavalesca que Bakhtin desenvolve a partir dos elementos do carnaval – descrita em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais* e em *Problemas da Poética de Dostoiévski* – não está a priori vinculada à festa do carnaval, mas ao que é essencialmente popular. Para ele

O Carnaval é uma grandiosa cosmovisão universalmente popular dos milênios passados. Essa cosmovisão, que liberta do medo, aproxima ao máximo o mundo do homem e o homem do homem (tudo é trazido para a zona de contato familiar livre), com o seu contentamento das mudanças e sua alegre relatividade, opõe-se somente à seriedade oficial unilateral e sombria, gerada pelo medo, dogmática, hostil aos processos de formação e à mudança tendente a absolutizar um dado estado da existência e do sistema social. (BAKHTIN, 1981, p.138)

Ao estudar as dimensões e características originais da cultura popular, Bakhtin constata que à cultura tida como oficial – de caráter sério, religioso e feudal – opõe-se a cultura cômica popular, da qual são manifestações

---

<sup>1</sup> Osman Lins e a Carnavalização na Literatura para a infância em *O Diabo na noite de Natal*, 2018, 82 p. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34175> – Pesquisa realizada com o auxílio financeiro da Fundação de apoio à pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), com a orientação do Professor Vianney e co-orientação não oficial da professora Helizabeth Hazin, aos quais sou muito grata.

genuínas as festas carnavalescas, os bufões e tolos, os palhaços, a literatura paródica, entre outros. Ocorre que, visivelmente, todos esses elementos estão presentes em *O Diabo na Noite de Natal*.

### 1. A promiscuidade intertextual

Apesar de essas características serem estruturadas de forma muito orgânica, podem ser facilmente identificadas e enumerados como: o *livre contato familiar*, na relação despojada entre as personagens, a despeito de supostas hierarquias; a *excentricidade* em personagens como Carlitos ou como o Dragão, que deseja uma flor azul – que já é, em si, excêntrica, pois se alimenta de juramentos quebrados –, no intuito de “supervisionar” sua esposa; as *mésalliances*, como no caso da Chapeuzinho Vermelho, que anda em Companhia do Capitão Gancho. Ademais, as *ambivalências* presentes no próprio trabalho verbal, a ambiguidade nas falas de alguns personagens, como o Palhaço, a mistura dos gêneros na introdução do verso à prosa – no caso das músicas cantadas pelas Pastorinhas –, os *oximoros* recorrentes nos trocadilhos e nos jogos de palavras. Todas são características da miscelânea que define o carnaval e o popular.

Além disso, o confronto de diferenças, a liberdade, o destronamento do cânone, a fantasia do mundo às avessas e a pluralidade de vozes sociais, traduzida no heterodiscurso, favorecem a manutenção da *atualidade* da trama. Esses recursos são importantíssimos para fornecer uma linguagem capaz de suportar a carga simbólica dessa grande festa popular. O próprio espaço onde ela ocorre – um salão de festas – e o período temporal em que se dá – poucas

horas antes da meia noite – confere ao cronotopo<sup>2</sup> no limiar<sup>3</sup> uma natureza carnavalesca.

A linguagem é carnavalizadora quando promove a paródia, quando passa a representar, ao mesmo tempo, a coletividade e o indivíduo, aproximando-os e distinguindo-os simultaneamente. Ao fazer emergir a pluritonalidade, a variedade de vozes e gêneros, corroborando o heterodiscurso – as distinções que permeiam a língua viva do povo, as diferentes posições socioideológicas – a linguagem torna-se ferramenta do carnaval.

E não apenas a linguagem transmutada em verbo, mas a linguagem corporal das personagens é carnavalesca quando reflete as novas relações entre os homens e mulheres, quando, segundo Bakhtin, caracteriza-se

principalmente pela lógica das coisas ‘ao avesso’, ‘ao contrário’, das permutações constantes do alto e do baixo (‘a roda’), da face e do traseiro, e pelas diversas formas de paródias, travestis, degradações, profanações, coroamentos e destronamentos bufões” (BAKHTIN, 1999, p. 10).

O que, de fato, ocorre na gesticulação dos personagens, por vezes descrita detalhadamente pelo autor: as acrobacias realizadas pelo Palhaço, as “cambalhotas”, os “saltos-mortais”, o gesto de andar “de cabeça para baixo”, “com as pernas para cima”, tudo isso relativiza as coordenadas de orientação. Essa livre gesticulação está impregnada da simbologia carnavalesca.

Mas a grande questão dos desígnios do carnaval em *O diabo na noite de Natal* torna-se aqui não a relação, unicamente, do carnaval com a literatura, mas o significado dessa “promiscuidade” – e devo pedir complacência diante

---

<sup>2</sup> Conceito de relação indissolúvel entre tempo e espaço na literatura, desenvolvido por Bakhtin: “os índices de tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico.” (BAKHTIN, 1993, p. 211).

<sup>3</sup> Segundo Bakhtin (1891), o limiar é uma característica essencialmente psicológica, dentro do qual se perde a “estreiteza temporal”: “é no limiar (junto à porta de entrada, nas escadas, nos corredores, etc.) onde ocorrem a crise e a reviravolta, ou na praça pública, cujo substituto costuma ser o salão (a sala, a sala de jantar), onde ocorrem a catástrofe e o escândalo” Bakhtin (1981, p. 129). O limiar no conto em questão está presente na tensão entre a vida e a morte, o dia e a noite, o medo e a alegria, o salão e o inferno.

do termo<sup>4</sup>, que adquire conotação pejorativa em certos contextos, mas aqui atende ao significado de “mistura”, “miscelânea”, “indiscriminação”, “desordem” – em uma obra dedicada a crianças.

## 2. A oposição carnavalesca

Então temos, confinados em um cronotopo no limiar, mais de dez personagens, caricatos, paródicos, totalmente distintos em suas origens, contextos, culturas, universos ficcionais; cercados por uma atmosfera hostil, um clima de tensão e efemeridade; comunicando-se por meio de uma linguagem representativa, plural, heterogênea; em busca de um único objetivo: a salvação da coletividade. Qual seria a grande função da carnavalização nesse contexto?

Vemos então que a carnavalização não atende apenas a um anseio estético, mas ético.

Essa fusão de elementos “aleatórios”, “incompatíveis”, consolida-se na e pela cosmovisão carnavalesca, que une diferentes sistemas, flexibiliza limites (seja entre espaços físicos ou psicológicos, gêneros textuais, estilos literários, pensamentos, filosofias ou crenças etc.) e necessariamente se opõe à dispersão, ao disperso, ao distante, ao apartado, ao alheio. E, diante de todas as conjecturas, entendemos finalmente que, ao optar pela forma carnavalizada da literatura, o escritor assume determinada posição de *oposição*.

Essas vozes sociais presentes na trama advêm de culturas pouco difundidas, culturas populares, culturas “alternativas” – assumindo-se o absurdo do termo, que acaba por admitir a existência de uma suposta “cultura padrão”. E nisso reside a representatividade da obra.

Ao se deparar com *O Diabo na Noite de Natal*, o leitor toma consciência de uma nova perspectiva cultural, questionando o estigma da cultura popular como algo primitivo, atrasado e relacionado ao subdesenvolvimento. Um paradigma perigoso e contrário ao singular, ao ímpar, ao novo.

---

<sup>4</sup>Termo cunhado por Ermelinda Ferreira, quando versa sobre o sortimento, o excesso e a complexidade presentes em *O Diabo na noite de Natal*, resumindo-os na expressão “promiscuidade intertextual” (2005, p.77) E também em: “Apesar da temática natalina, aqui também assistimos a uma concepção carnavalizadora da festa, através de uma promiscuidade de gêneros, épocas e lugares semelhante à da história de Lobato” (idem, p.78)

Segundo historiador e crítico da literatura brasileira, Alfredo Bosi, esse *status* de “cultura padrão” foi criado e é alimentado por uma vertente ocidentalizante, de fundo colonizador que

pretende resumir os sujeitos nas duas formas institucionais mais poderosas: a cultura para as massas e a cultura escolar. Trata-se de uma visão linearmente evolucionista que advoga, com a autoridade da ciência oficial, a causa dos vencedores (BOSI, 1992, p.323).

Em *O diabo na noite de Natal*, Osman Lins desconsidera a existência de uma “cultura oficial” que propõe um sistema de valor sobre um patrimônio incomensurável, dando lugar e voz a personagens da cultura popular.

### **3. O carnaval e a educação libertadora**

Assim é que, por meio do confronto carnavalesco das diferenças, Lins propõe o equilíbrio da “balança cultural”, dando destaque, por exemplo, às Pastorinhas, enquanto a Cinderela, que não tem papel determinante na resolução do conflito, apenas observa, pois sua função na trama é a de ser coadjuvante. Ela está presente para nos lembrar de que no mesmo universo em que existem as princesas da Disney, existem – e eu ousaria dizer “reexistem” – o Pastoril, o Amarelinho, o Chefe da Estação e outras figuras igualmente importantes.

A paródia do discurso jurídico, o destronamento do Super-Homem, a destreza do Palhaço, a participação da Nossa Senhora e do Menino Jesus indicam reestruturação de valores, sugerindo um novo modo de se apreciar a arte. Eles promovem a desmistificação de um “cânone cultural”.

A essa altura do nosso pensamento, ergue-se o questionamento formulado por Bosi na sua reflexão sobre cultura e educação: “Educar, sim, mas para qual cultura?” (1992, p. 342).

A isso Lins responde com o carnaval, com um registro crítico, com uma linguagem de protesto contra as máscaras autoritárias. É uma resposta democrático-socializante e pluralista que, no final, ratifica a fala de Bosi de que se deve:

Educar para o trabalho junto ao povo, educar para repensar a tradição cultural, educar para criar novos valores de solidariedade e, no momento atual, mais do que nunca, pôr em prática o ensino do maior mestre da educação brasileira, Paulo Freire: educar para a liberdade (BOSI, 1992, p. 342).

Finalmente, em função da educação para a liberdade está a carnavalização literária no conto de Osman Lins *O Diabo na Noite de Natal*. Educação, sim, no seu sentido mais amplo de ensinar, capacitar, qualificar, instruir, formar. E devemos lembrar que ninguém no mundo sabe tanto que não possa mais aprender. Ninguém está isento de, em qualquer momento da vida, ser (re)educado. E devemos lembrar disso para que não incorramos no vício de limitar o termo “educação” ao coletivo infantil. Pois não estamos todos em processo de aprendizagem e carentes de acabamento?

## Referências

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOSI, Alfredo. “Cultura brasileira e culturas brasileiras”. In: **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FERREIRA, Ermelinda. “Osman Lins e a Literatura Infantil: um diálogo com Monteiro Lobato”. **Outra travessia**, Florianópolis, n. 4, p. 69-84, jan. 2005. ISSN 2176-8552. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12639/11799>>. Acesso em: 21. jul. 2018.

LINS, Osman. **O diabo na noite de Natal**. Ilustrações de Montez Magno. São Paulo: Pioneira, 1980.